

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
Departamento de Artes Cênicas



Karina Luiza Lana de Jesus

RESISTÊNCIAS: expressões artísticas de pertencimento ao território do Cabanas em Mariana  
(MG)

**Ouro Preto**  
**2025**

KARINA LUIZA LANA DE JESUS

RESISTÊNCIAS: expressões artísticas de pertencimento ao território do Cabanas em Mariana  
(MG)

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Artes Cênicas.

**Orientadora:** Dra. Neide das Graças de S. Bortolini

**Ouro Preto**

**2025**



## FOLHA DE APROVAÇÃO

Karina Luiza Lana de Jesus

RESISTÊNCIAS: expressões artísticas de pertencimento ao território do Cabanas em Mariana (MG)

Monografia apresentada ao Curso de Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura.

Aprovada em 25 de março de 2025.

### Membros da banca

Profa. Dra. Neide das Graças de Souza Bortolini - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto  
Prof. Dr. Ernesto Gomes Valença - Universidade Federal de Ouro Preto  
Prof. Dr. Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi - Universidade Federal de Ouro Preto

Profa. Dra. Neide das Graças de Souza Bortolini, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 18/06/2025.



Documento assinado eletronicamente por **Neide das Graças de Souza Bortolini, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 18/06/2025, às 14:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0931674** e o código CRC **B4605E17**.

## RESUMO

Este artigo discute a importância da arte para comunidades marginalizadas, destacando seu papel na denúncia de opressões e no fortalecimento identitário, em especial no bairro Cabanas, cidade de Mariana (MG). Portanto, participei do grupo teatral o “Caminho do Sol” (criado pela professora de Artes Juliana de Conti em 2017) junto com estudantes da Escola Estadual João Ramos Filho. Diante da criação desse grupo, nos deparamos com a falta de recursos para figurinos, cenários e, até mesmo, local de apresentação, revelando-se uma estética da precariedade, entretanto participamos de diversos festivais e recebemos premiações. Trata-se, ainda, do subprojeto “PIBID Artes Cênicas e Música: Jogo, Performance e Sustentabilidade” de 2020 a 2022 (coordenado pelo professor Marcelo Rocco). O PIBID é um Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência e fui bolsista, exatamente, na Escola Estadual João Ramos Filho. Foram utilizadas estratégias de ensino acerca das noções de performatividade e de *Performance Art* dentre outros conceitos específicos das áreas de teatro e música seguindo os parâmetros da Base Nacional Curricular Comum (2018). Isso ocorreu no período da pandemia COVID-19 e buscamos uma abordagem mais acessível, de maneira que foram feitas fotoperformances, a partir de materiais reciclados para compor narrativas visuais e explorar a própria realidade. Esse processo trouxe, novamente, a estética da precariedade, ao possibilitar a transformação de limitações materiais em possibilidades criativas.

## 1. INTRODUÇÃO

Meu tema de pesquisa se desenvolve a partir da percepção de como a arte é essencial, principalmente se tratando de comunidades marginalizadas por sociedades que excluem as pessoas, faz com que se calem perante às desigualdades sociais, aos preconceitos e ao apagamento das identidades ou das ancestralidades afro-brasileiras. Em um mundo capitalista, precisamos da arte como forma de participação cultural e política, principalmente, ao fazer denúncias sobre a opressão sofrida por moradores de comunidades desvalorizadas, ao se criar espaços de resistência. Dessa forma, em um universo de carências, o improviso e a estética teatral em comunidades escolares são alternativas de criação que estimulam a expressão, a reflexão crítica e o fortalecimento do senso de pertencimento, proporcionando aos estudantes maneiras de transformar as realidades.

Sou moradora do Bairro Cabanas na histórica cidade de Mariana (MG) desde 2014 e, portanto, cursei o Ensino Médio na Escola Estadual João Ramos Filho (EEJRF). Com a chegada de uma nova professora de Artes, Juliana de Conti<sup>1</sup> surge um teatro na escola. A professora, formada em Artes Cênicas na Universidade Federal de Ouro Preto, em sua primeira semana de aulas, foi de sala em sala convocando discentes que tivessem interesse em fazer parte de um grupo de teatro. Assim, o “Caminho do Sol” foi criado em 2017, sem fins lucrativos, a fim de agrupar estudantes da Escola Estadual do bairro Cabanas para produzirem e atuarem em peças teatrais, como forma de se conscientizar das opressões vividas, em especial do bairro Cabanas em Mariana (MG). A estética da precariedade, noção que se utiliza para tratar da escassez e da simplicidade no uso de elementos criativos, é demonstrada nessa experiência teatral que trouxe a valorização do que é simples, o que é improvisado, o que surge da necessidade de adaptação e de superação. O teatro, muitas vezes, se torna um espaço de empoderamento, onde a falta de recursos é suprida pela imaginação, pela colaboração e pela força transformadora da arte, promovendo a reinvenção do cotidiano e ressignificando a noção de "falta" como uma possibilidade de criação.

Essa comunidade escolar é formada por discentes que, em sua maioria, são pessoas pretas, portanto havia uma necessidade de achar uma forma de falar contra as opressões sofridas

---

<sup>1</sup> Professora licenciada em Artes Cênicas (DEART, UFOP) Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto (2015). Em 1996 realizou um intercâmbio Cultural em Melbourne, Austrália, estudando Artes em Eltham High School. Atualmente é professora de Artes efetiva da rede municipal de Ouro Preto e no Estado de Minas Gerais, supervisora há 8 anos do PIBID Artes Cênicas vinculado a UFOP. Cf. <http://lattes.cnpq.br/1445550330032272>.

historicamente, bem como fazer teatro como uma forma de resistir, frente às injustiças sociais. A professora Juliana de Conti criou, também, o Festival de Teatro Comunitário de Mariana - FESTEKO, que teve seu início em 2017, com a colaboração da Escola Estadual João Ramos Filho (EEJRF) e do Grupo Teatral Caminho do Sol. A sua criação foi importante, tanto para a escola quanto para mim, uma vez que essa Escola está localizada na periferia de Mariana e faz parte de um território em que há uma carência artística e educacional: o bairro Cabanas. Daí vem a importância desse Festival, em todas as peças apresentadas, dentre os anos de 2017 até os dias atuais.

A proposta parte do entendimento do reconhecimento das próprias raízes, aliado ao senso de pertencimento, sendo fundamental para a construção de uma identidade cultural relacionada ao território. No caso da Escola do Cabanas, como é chamada a EEJRF, os processos criativos desenvolvidos nas aulas de Artes Cênicas revelam-se como espaços de resistência e expressão, onde discentes não apenas experimentam a arte, mas também refletem sobre suas histórias, tradições e relações com a comunidade em que vivem.

Nesse contexto, se abriu espaço para questionar como as metodologias artísticas potencializam o sentimento de pertencimento e a valorização de territórios periféricos. Para responder a essa questão, este artigo aborda as práticas pedagógicas em Artes Cênicas desenvolvidas na referida escola, observando como essas atividades promovem diálogos sobre identidade, cultura e resistência frente às dinâmicas de exclusão social.

## **2. O TEATRO COMO PRÁTICA DA TRANSFORMAÇÃO E LIBERDADE**

O teatro, enquanto prática viva e coletiva, pode se tornar um espaço de enfrentamento e transformação, onde a liberdade não é apresentada como um estado pleno ou garantido, mas sim, em construção. Em cena, as contradições sociais, os conflitos cotidianos e as opressões estruturais ganham corpo, permitindo que o público não apenas observe, mas participe ativamente desse tensionamento. A liberdade, nesse contexto, não é neutra, ela precisa ser provocada, desafiada, reconstruída. É na fricção entre o desejo de mudança e os limites impostos pela realidade que o teatro revela seu potencial político, tornando-se um ensaio para a ação concreta, um campo onde se experimentam outras formas de existência e resistência.

O teatro é uma forma de expressão e transformação social, mas, muitas vezes, seu acesso pode ser ofertado de forma elitizada, com isso, Augusto Boal, com sua criação do Teatro do

Oprimido, revolucionou essa perspectiva ao propor um teatro acessível a todos. Um teatro para atores ou não-atores que permite que qualquer pessoa participe da criação teatral, rompendo com barreiras sociais e econômicas que frequentemente limitam o acesso à arte.

O Teatro do Oprimido surgiu na década de 1970, criado por Augusto Boal como uma resposta à exclusão de certas camadas sociais do processo teatral. Inspirado em Paulo Freire e sua visão da educação libertadora, Boal desenvolveu uma metodologia em que o público não é um espectador passivo, mas sim protagonista do processo. O que torna essa abordagem relevante para a Escola Estadual João Ramos Filho é justamente o fato de que discentes, muitas vezes, sem acesso prévio ao teatro, podem se ver inseridos em um espaço de criação coletiva, onde suas vivências e realidades periféricas são representadas e discutidas no palco.

Em *A Pedagogia do Espectador*, Flávio Desgranges propõe uma reconfiguração do papel do espectador, defendendo que este não deve ser passivo, mas ativo e implicado na experiência teatral. Nesse sentido, o teatro deixa de ser apenas um espaço de representação para tornar-se um lugar de validação social e reafirmação identitária, especialmente para sujeitos historicamente marginalizados. Quando Desgranges fala de um teatro que educa o olhar e convoca o espectador à reflexão crítica e ao posicionamento ético, ele propõe um espaço em que o espectador possa reconhecer-se, sentir-se representado e assim, pertencer, que por sua vez, torna-se uma forma de resistência ao ver sua identidade validada em cena, o espectador rompe com estruturas de silenciamento e exclusão.

Ao colocar o aluno no centro da criação artística e possibilitar que ele se reconheça como sujeito de enunciação, a experiência cênica rompe com a lógica de silenciamento, que muitas vezes, atravessa a vida dos jovens. Mais do que uma atividade complementar, o fazer teatral se torna um gesto de enfrentamento diante da invisibilidade social, construindo um espaço simbólico onde narrativas pessoais ganham corpo, legitimidade e escuta. Essa atuação não apenas reconfigura a forma como esses estudantes se percebem, mas também altera a dinâmica da escola, instaurando um território em que a expressão se impõe como prática de liberdade.

Este trabalho busca, também, entrelaçar essa perspectiva teatral na realidade educacional da Escola Estadual João Ramos Filho, que enfrenta desafios estruturais, mas encontra no teatro não apenas uma forma de expressão artística, mas um instrumento de conscientização e luta social. A presença da estética da precariedade nessa realidade não é só um obstáculo, mas também um recurso que dialoga diretamente com os princípios teatrais de

Boal, reforçando a potência do teatro como meio de resistência e transformação. De acordo com Boal:

A arte não deve continuar encerrada em museus, teatros e salas de concerto para visitas de fim de semana, pois é necessária em todas as atividades humanas, no trabalho, no estudo e no lazer. Não deve ser atributo de eleitos: é condição humana. Não é maquiagem na pele: é sangue que corre em nossas veias (BOAL, 2009, p. 94).

A Escola Estadual João Ramos Filho, como tantas outras escolas públicas periféricas, enfrenta limitações estruturais e falta de recursos. No entanto, o teatro se mostra uma alternativa pedagógica capaz de romper com essas dificuldades, dando voz a estudantes e possibilitando que expressem suas próprias histórias. O grupo Caminho do Sol, criado nessa escola, é um exemplo dessa potência teatral, de forma a se perceber uma relação dessa abordagem ao pensamento de Boal, pelos princípios do Teatro do Oprimido. O grupo não busca a elaboração de peças sofisticadas, mas sim a participação ativa de estudantes, transformando suas vivências em narrativas cênicas. A ausência de cenários luxuosos ou figurinos elaborados não impede a força da mensagem teatral, pelo contrário, reforça a ideia de que o teatro pode ser feito a partir da realidade e da experiência de vida de seus participantes.

Essa estética da precariedade se manifesta através de figurinos improvisados, feitos com roupas usadas ou materiais reciclados, onde o próprio corpo de atrizes e atores compõem a cena, além do uso de espaços alternativos para apresentações, como pátios e salas de aula adaptadas. Essa realidade, em vez de enfraquecer a experiência teatral, potencializa a criatividade e está alinhada com a poética do oprimido.

Quando se diz que o grupo não busca a elaboração de peças sofisticadas, essa "sofisticação" está relacionada menos à qualidade artística e mais à ideia de valor social que tradicionalmente se atribui ao teatro. Na lógica dominante, quanto mais recursos financeiros são investidos em cenários grandiosos, figurinos caros e estruturas técnicas complexas, mais prestígio e reconhecimento o espetáculo tende a receber. No entanto, essa visão limita o teatro a uma experiência elitizada, muitas vezes distante da realidade da maioria. O que se propõe aqui é justamente o contrário, pensando em um teatro que não depende do refinamento material para ter potência, sendo assim, a ausência de elementos luxuosos não é um ponto enfraquecedor da mensagem, ao contrário, valoriza o conteúdo, e participação ativa dos estudantes. É nesse deslocamento de sentido que o teatro ganha uma nova sofisticação, não a que vem do capital, mas a que nasce da partilha na criação e na cena.

Mais do que uma atividade artística, o teatro dentro da escola se torna um instrumento de luta e resistência. Estudantes utilizam as peças para abordar temas urgentes, como, a desigualdade social na periferia, o racismo e a discriminação no ambiente escolar, a precarização da educação pública. Ao colocar essas questões em cena, o teatro não apenas denuncia, mas também estimula o diálogo e a reflexão dentro e fora da escola onde, muitas vezes, familiares, professores e moradores da comunidade passam a enxergar as vivências desses jovens de forma mais crítica e solidária.

Nesse sentido, o Caminho do Sol na Escola Estadual João Ramos Filho foi um laboratório de experiências necessário e extremamente relevante. Dentro de um contexto de exclusão social e precarização da educação, o teatro se tornou uma ferramenta de transformação. Ao observar uma estética da precariedade, com a força de discentes, da docente Juliana de Conti e da comunidade escolar, estudantes não apenas acessam a arte, mas se tornam agentes de sua própria narrativa, ressignificando suas histórias e fortalecendo sua identidade cultural, reafirmando as pessoas que têm algo a dizer podem transparecer através do fazer artístico.

A estética da precariedade, sendo associada ao *Teatro do Oprimido* de Augusto Boal, manifesta-se de diversas formas no cotidiano teatral, especialmente em contextos como o das escolas públicas, onde os recursos são limitados. Em cenários como o da EEJRF, a falta de recursos foi uma oportunidade para um teatro criativo e autêntico, que surge da necessidade e da inventividade. Corpos de atuantes, são, assim, essenciais em cena, transformando espaços e fazendo da própria atuação uma expressão de resistência e de transformação social.

A Associação Cultural Caminho do Sol, fundada pela professora Juliana Conti em 2017, exemplifica bem essa proposta. Com a intenção de reunir estudantes da Escola Estadual do bairro Cabanas para produzirem e atuarem em peças teatrais, de forma criativa e expressiva de caráter comunitário e colaborativo, sem interesses comerciais. A proposta vai além da simples encenação: busca oferecer um espaço de expressão, escuta e criação coletiva. De fato, como se observa, o grupo participou de diversos festivais de teatro, como o Festival de Artes Cênicas de Lafaiete (FACE, 2017), onde foi premiado em várias categorias, incluindo melhor figurino, melhor cenário, melhores maquiagem e Teatro Alternativo. Esses prêmios indicam que, mesmo com as limitações de recursos, a criatividade, a expressividade e a estética simples e improvisada resultaram em um trabalho reconhecido.

Nos festivais como o FACE, FETUBA (Festival de Teatro de Ubá, 2018) e FOFOCARTE (Festival de Artes de Barroso, 2017), a participação do Caminho do Sol vai demonstrar a afirmação de um espaço para o teatro da comunidade escolar. O grupo conquistou outros prêmios, como no caso da peça *Preta Rosa Egípcia* (2017) com a premiação por melhor figurino, melhor cenário e melhor maquiagem.

Mas, com tudo, é preciso cuidado para que validações externas não se tornem o único ou principal critério para medir o valor de uma prática teatral. Quando se fala de uma estética da precariedade estamos desafiando justamente a lógica tradicional de prestígio, que costuma associar qualidade à sofisticação técnica ou ao sucesso institucional. Assim, a importância do trabalho não deve ser medida apenas pelos prêmios conquistados, mas sobretudo pela transformação que ele provoca nos participantes e na comunidade. Ser reconhecido é positivo, mas se deve apegar ao sentido mais profundo do teatro popular e comunitário, o de ser uma prática viva, acessível, feita com e para pessoas reais. É preciso, portanto, equilibrar o desejo de reconhecimento com a fidelidade ao propósito político e pedagógico do fazer teatral.

Com isso, a superação de obstáculos aconteceu pela inventividade, pela adaptação ao espaço existente e pela expressividade de atuantes de forma a gerar engajamento social, reflexão crítica e empoderamento coletivo. Ao participar desses festivais, o Caminho do Sol não apenas ganhou reconhecimento artístico, mas também reforça a importância do teatro em minha trajetória. Esse percurso evidencia como a estética da precariedade no teatro pode criar oportunidades de visibilidade e valorização para projetos de teatro comunitário. Essa experiência foi reconhecida e premiada em festivais regionais, e revela a capacidade desse coletivo de emocionar e impactar o público.

### **3. A ESTÉTICA DA PRECARIIDADE**

A estética da precariedade é um conceito que se originou no campo das artes e das ciências sociais, sendo associado a movimentos culturais e artísticos que emergem em contextos de escassez de recursos. Ela explora como a arte, a cultura e as expressões sociais se desenvolvem em ambientes de resistência, improvisação e adaptação às condições existentes, transformando o que poderia ser visto como uma deficiência em uma potente ferramenta criativa. Esse conceito reflete a capacidade de repensar as realidades ao trazer formas de expressão ricas e significativas.

A estética da precariedade manifesta-se de diversas formas, como na arquitetura de comunidades marginalizadas, nos grafites em muros urbanos, na música criada com instrumentos improvisados e, especialmente, no teatro realizado em espaços alternativos, como pátios escolares ou ruas, onde a memória e a resistência se tornam elementos centrais da criação artística. Nesse contexto, como escrito por Maria de Fatima em seu artigo “Por uma estética do precário: antimonumentos e a arte de 'desesquecer””, a arte surge como um mecanismo de enfrentamento ao esquecimento imposto por narrativas hegemônicas, transformando a precariedade em potência criativa e crítica (SOUZA, 2015).

Assim como muitas instituições em regiões periféricas, enfrenta desafios como a falta de infraestrutura adequada, escassez de materiais e turmas superlotadas, a EEJRF vive essa situação. Todos os espetáculos do grupo O Caminho do Sol foram feitos a partir de reutilização criativa de materiais, com cenários feitos a partir de materiais reciclados ou de baixo custo, como foi o caso da produção da peça *Preta Rosa Egipcíaca*<sup>2</sup>. A peça *Revolução das Mulheres*, uma peça de Aristófanes (1996)<sup>3</sup>, também foi construída com poucos recursos, utilizando de tecidos de baixo custo, ou doados, ao passo que os cenários foram produzidos a partir de objetos da escola, da casa de discentes ou cedidos pela comunidade do Cabanas.

---

<sup>2</sup> A personagem principal foi trazida da África até o Rio de Janeiro em cativo, aos seis anos de idade; foi estuprada por seu dono e vendida com 14 anos, vindo para Vila do Carmo, atual Mariana. Nessa história, Rosa Egipcíaca foi considerada santificada na região de Mariana e de Ouro Preto, que foi construída sem muitos recursos de materiais e financeiros.

<sup>3</sup> Conta a história em que as mulheres de Atenas decidem fazer uma revolução liderada por Valentina, fazendo greve de sexo e formando novas leis onde as mulheres que iriam comandar.

## APRESENTAÇÃO DA PEÇA PRETA ROSA NO CINE TEATRO MARIANA



Fonte: acervo pessoal (2017).

## APRESENTAÇÃO DA REVOLUÇÃO DAS MULHERES NO FOFOCARTE



Fonte: acervo pessoal (2018)

Na produção teatral escolar, o figurino é um elemento crucial para contar histórias e construir identidades. Houve improvisação com materiais reciclados, como sacolas plásticas, jornais.

A falta de acesso a cursos, oficinas ou espaços culturais limita o repertório estético dos estudantes, restringindo sua capacidade de explorar a diversidade nas criações. Essas limitações

não são apenas técnicas, mas reflete um sistema que nega o direito à expressão artística. A infraestrutura precária das escolas periféricas impacta diretamente o desenvolvimento artístico, a falta de espaços adequados nas escolas, sem auditórios, salas de artes ou condições mínimas de iluminação e acústica para ensaios. As apresentações ocorrem em pátios abafados ou quadras sem condições, o que desvaloriza o trabalho discente resultando, inevitavelmente, na criação da estética pobre, como uma condição imposta socialmente. Apesar das dificuldades, o teatro nas escolas periféricas pode ser um ato político onde frequentemente as peças retratam e denunciam suas realidades, como o racismo estrutural. Isso fortalece vínculos locais, mas também expõe a necessidade de políticas públicas eficazes.

Quando as peças alcançam espaços além da escola, como festivais, elas confrontam a sociedade com as contradições entre a riqueza cultural das periferias e a pobreza material imposta a elas, por isso a situação da Escola Estadual João Ramos Filho não é isolada, mas reflete um contexto mais amplo de desigualdades. Mariana, apesar de ser uma cidade histórica e turística, concentra riquezas ligadas à mineração, enquanto as escolas públicas e as comunidades periféricas sofrem com a falta de investimentos em educação e cultura.

Os processos artísticos nas escolas, como a de João Ramos Filho, ao mesmo tempo que revela abismos sociais, também é um espaço de inventividade e resistência. Para transformar essa realidade, é essencial reconhecer a arte como veículo de mudanças ao pressionar por políticas públicas que garantam recursos dignos às escolas, valorizando as vozes das periferias.

A estética teatral no Caminho do Sol trouxe um olhar da valorização de materiais simples para se fazer arte, mas isso não foi proposital e, sim, decorrente da falta de investimentos na educação e no teatro na região de Mariana. Outras manifestações artísticas, tais como o hip-hop, o funk e o rap também existem neste contexto do Cabanas como forma de manifestação popular contra as injustiças sociais, tanto locais quanto globais. Algumas dessas expressões são incorporadas ao ensino, valorizando a identidade e a realidade dos estudantes da Educação Básica, tornando a escola um espaço de luta e afirmação, onde discentes e docentes buscam melhorias e compartilham suas histórias de vida.

#### **4. METODOLOGIAS ARTÍSTICAS DO PIBID - UFOP NA ESCOLA ESTADUAL JOÃO RAMOS FILHO**

É nesse cenário de criação popular e enfrentamento das desigualdades que meu estágio no subprojeto PIBID – “Artes Cênicas e Música: Jogo, Performance e Sustentabilidade” –

ganha ainda mais sentido. Ao atuar na Escola Estadual João Ramos Filho, pude perceber como as metodologias artísticas propostas pelo programa não apenas dialogavam com essas expressões periféricas, mas também ampliavam o repertório dos estudantes ao integrar diferentes linguagens e problematizar temas urgentes, como a sustentabilidade. Assim, a prática pedagógica se fortalece justamente na intersecção entre arte, território e transformação social.

O subprojeto “PIBID Artes Cênicas e Música: Jogo, Performance e Sustentabilidade” (2020 a 2022) foi coordenado por Marcelo Rocco<sup>4</sup> e teve a professora Juliana de Conti como preceptora. A Bolsa de Iniciação à Docência é um Programa Nacional da CAPES<sup>5</sup> (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Programa de Programa) em que fui bolsista, portanto, contribui para o enriquecimento das práticas educativas na área da pedagogia teatral. Devido ao seu caráter transdisciplinar – Artes e Música –, o subprojeto teve um papel importante, ao demonstrar a importância do diálogo entre essas áreas artísticas para a construção do conhecimento. Com isso, o subprojeto contribuiu para dar maior visibilidade à licenciatura em Artes Cênicas e para mostrar a importância do lugar da arte-educação nos contextos escolares. A interação com as escolas de Educação Básica, imprescindível para os cursos de licenciatura, foi fortalecida e consolidada, promovendo uma maior aproximação entre a universidade e a rede de escolas públicas de Mariana, o que favoreceu a reflexão sobre a formação de professores de arte e o papel que desempenham nas escolas da região.

A proposta foi de ampliar as noções acerca da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), explorando as seis dimensões do ensino de Arte. Segundo esse documento – BNCC – a disciplina Arte tem um caráter de polivalência em artes, uma vez que docentes devem dar aulas de todas as linguagens artísticas, indo além de sua formação profissional em uma área de arte específica. Como estratégias de ensino, foram abordados aspectos acerca das noções de performatividade e de *Performance Art* por conceitos específicos das áreas de teatro e música e da experiência estética voltadas para os parâmetros estabelecidos pela BNCC dispostos da seguinte maneira:

- 1) da criação artística através da experimentação cênico-musical através da montagem de performances;
- 2) da crítica artística realizada por meio do cotejamento de obras e do desenvolvimento argumentativo quanto ao objeto artístico;

---

<sup>4</sup>Marcelo Rocco é professor Associado da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) - Áreas de Licenciatura e de Bacharelado em Teatro, fixado no Departamento de Artes Cênicas (DEART). <http://lattes.cnpq.br/1086610024861975>.

<sup>5</sup> Para saber sobre o PIBID consulte a página da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior <https://www.gov.br/capes/pt-br>.

- 3) da estesia dada no bojo da experiência estética per se, de uma perspectiva aumentada da percepção e recepção espaciais e sonoros;
- 4) da expressão artística, aspecto inerente à poíesis, ou fazer artístico, articulado à possibilidade da individualidade de manifestação dos alunos;
- 5) a fruição artística, a ser realizada através da exposição a distintos objetos artísticos a fim de desenvolver a sensibilidade estética, seja dada pelo deleite ou estranhamento; e finalmente,
- 6) da reflexão, aspecto transversal intrínseco às demais dimensões anteriormente expostas, seja na prática reflexiva tanto dada pela criação e expressão, quanto pela estesia e fruição, constitutiva do pensamento crítico, de fundamental importância à viabilidade dos processos artísticos e, por conseguinte, à formação cidadã (BNCC, 2018, p.482).

Esses estudos geraram debates diversos acerca dos conceitos sobre o Ensino de Arte na contemporaneidade, fundamentados pelo levantamento bibliográfico de diversos autores na intersecção Arte-Educação. A partir da compreensão de parte dos elementos que constituem a performatividade, pode-se pensar na utilização da linguagem híbrida das Artes Cênicas e da Música como possibilidade de ensino na graduação na área da Licenciatura, articuladas através de leituras, encenações, seminários temáticos, dentre outros, a partir de três pilares da BNCC, tais quais transcritos a seguir:

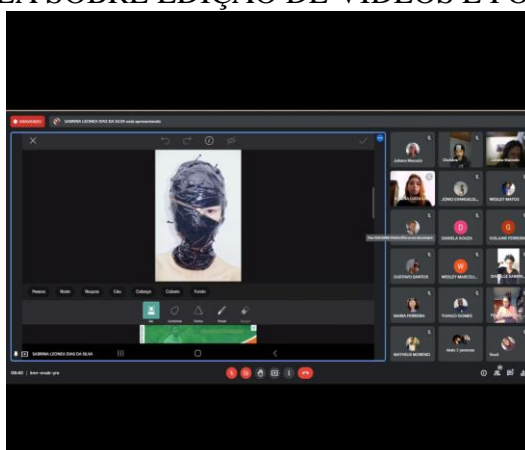
1. A performatividade: O conceito de performatividade refere-se aos fundamentos do ensino da Arte a partir do estudo de parte da arte contemporânea, tendo como objeto de conhecimento e de identidade cultural, produção artística como produto cultural e como objeto de apreciação significativa, bem como, as relações e implicações entre a performance e a sociedade;
2. O Jogo: O fenômeno da experiência artística é um processo acumulativo que pode orientar a visão do aluno sobre o mundo e sobre si mesmo. O senso estético é adquirido a partir do diálogo entre o aluno e as obras artísticas e também, através da apreciação e da cultural, em uma comunhão com outros seres que estão inseridos no processo;
3. A sustentabilidade: A noção de sustentabilidade na escola passa por formar cidadãos conscientes sobre o meio em que vivem. O lúdico no ensino será consolidado a partir de práticas que materializem ideias socioambientais, em uma proposta de comprometimento com as comunidades locais e globais, fazendo o aluno perceber que suas ações têm efeitos em grandes escalas, permitindo que este pense sobre o seu meio, buscando soluções criativas e, acima de tudo, possíveis para a sua comunidade (BNCC, 2018, p.482).

Sendo assim, bolsistas do PIBID, abordaram questões relativas ao universo da arte com ressonância na atualidade e desenvolveram estratégias pedagógicas que permitiram dinâmicas grupais, aulas sobre edições de vídeos de esquetes teatrais entre os discentes do Ensino Médio para o FESTEÇO 2021. Tudo isso permitiu estabelecer conexões com a *praxis* pelo fazer artístico, ao se buscar a participação criativa de licenciandos do DEART/UFOP, oportunizando a interatividade, curiosidade e expressão individual com estudantes da EEJRF. Essas ações nos

auxiliaram a nos formar enquanto professoras interessadas na formação tanto artista quanto estética dos discentes.

No FESTECO do ano de 2021 esses estudantes tiveram participação na sua fase estudantil, confeccionando vídeos elaborados por eles mesmos em suas casas, visto que estávamos no ensino remoto devido à pandemia da COVID-19, então cada discente editou os vídeos e, visto a demanda de edição, nós, enquanto bolsistas, vimos a necessidade de se inserir aulas sobre edições, visto que, nem todos os alunos sabiam como editar.

### AULA SOBRE EDIÇÃO DE VÍDEOS E FOTOS



Fonte: acervo pessoal, 2021

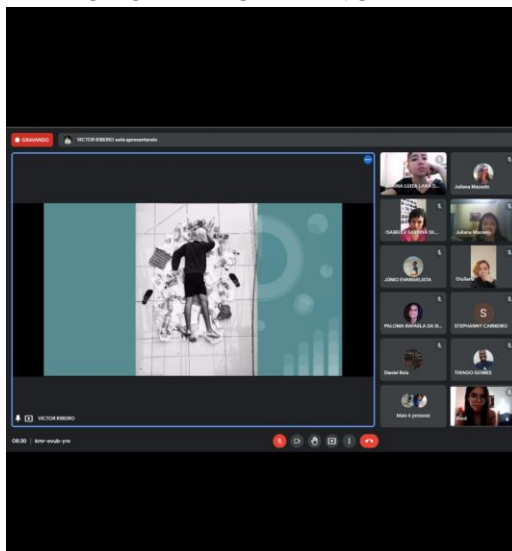
Como estávamos em um ano pandêmico, os vídeos<sup>6</sup> para a participação no festival foram vistos como uma boa opção, uma vez que chegaram mais próximo das estéticas que esses discentes já conheciam. Resultaram em pequenas apresentações gravadas de 2 minutos, que se assemelham com os vídeos do aplicativo *tiktok*, onde os alunos já se sentem mais familiarizados e por isso se soltam na realização da atividade. Abordaram temas cotidianos em vídeos curtos e caseiros. Os temas abordados por eles refletiram, também, o momento em que estávamos em situação de isolamento, tais como ansiedade, depressão e sentimento de vazio.

Nesse cenário, a elaboração de uma fotoperformance, sendo uma linguagem artística híbrida que une elementos da performance e da fotografia, em que o corpo, a ação e o espaço são capturados por meio da imagem fotográfica, A fotografia, nesse contexto, não apenas documenta a ação performática, mas torna-se parte essencial da obra, sendo uma estratégia de se trabalhar com materiais reciclados emergindo como alternativa criativa e acessível, permitindo que estudantes utilizassem o que tinham disponível para compor narrativas visuais

<sup>6</sup> Vídeo de uma das participantes do FESTECO 2021 fase estudantil, <https://youtu.be/iU109oCBTFk?feature=shared>.

e explorar sua realidade. Esse processo refletiu diretamente na estética da precariedade, que transforma limitações materiais em potência criativa. A adaptação do ensino das artes durante a Pandemia COVID19 evidenciou a importância de metodologias que valorizam a criatividade e a experimentação, reafirmando o papel da arte, evidenciando a importância de práticas pedagógicas que promovam a autonomia artística.

#### APRESENTAÇÃO DA FOTO PERFORMANCE FEITA PELOS DISCENTES



Fonte: acervo pessoal, 2021

#### 5. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO PIBID E IMPACTOS NA EEJRF

Enquanto bolsista do PIBID na EEJRF, foram apresentadas em sala dinâmicas com os alunos para uma proximidade maior com os mesmos, como a apresentação de suas músicas favoritas, ainda em novembro de 2020. Os discentes foram incentivados a nos apresentar suas músicas preferidas, a favor da criação de um ambiente de acolhimento e de demonstrar que os pensamentos e os gostos de cada um são levados em consideração. Os alunos ficaram bastante empolgados e felizes em poderem compartilhar suas músicas favoritas e foram bastante participativos.

Realizamos, também, em abril de 2021, a dinâmica do Teatro Jornal que faz parte do Teatro do Oprimido de Boal, na qual os discentes representavam papéis de opressores a partir de uma determinada notícia real e, no final, tinham que dar soluções de como lidar com essas opressões no dia a dia. Dessa forma se colocaram no lugar dos oprimidos e criaram um senso crítico, pois, nessa dinâmica percebemos que os alunos possuem senso de justiça, demonstrando

um ótimo senso ético. Diante da situação imposta, todas as formas de resolver o problema proposto por eles foram positivas, ressaltando-se a reversão de situações opressivas.

Em setembro de 2021 ofertamos uma oficina para o FESTEÇO, por meio remoto, para estudantes do Primeiro ao Terceiro Ano do Ensino Médio com a temática da improvisação teatral, fazendo com os alunos se sentissem mais impulsionados a exercitar a criatividade ao usar objetos como forma de criação. Apresentamos o jogo “O Objeto transformado” que consiste em pegar um objeto e cada um vai transformando-o em um outro objeto diferente. Como estávamos fazendo uso do Google Meet, escolhemos um objeto em comum que todos teriam em casa como, por exemplo, uma caneta, que ia se transformando nas mãos de cada participante, impulsionando a criação por meio do improviso.

Trouxemos em aula o documentário *Lixo Extraordinário* para os alunos terem como exemplo e fortalecendo o trabalho sobre sustentabilidade, com o artista plástico Vick Muniz (2010), em um terrário no Rio de Janeiro, mostrando o impacto que o lixo tem na vida dos catadores de lixo. Neste lugar com os trabalhadores se criam obras que foram expostas e vendidas no mercado de arte, gerando renda para os catadores, sendo assim, os alunos tiveram reflexões sobre sustentabilidade e ideias para o trabalho de fotoperformance com a temática de sustentabilidade.

Outras manifestações artísticas, tais como o hip-hop, o funk e o rap também existem neste contexto da comunidade do Cabanas como forma de manifestação popular contra as injustiças sociais, tanto globais quanto locais. Algumas dessas expressões são incorporadas ao ensino, valorizando a identidade e a realidade dos estudantes, tornando a escola um espaço de luta e afirmação, onde alunos e professores buscam melhorias e compartilham suas histórias de vida.

## 6. EXPRESSÕES ARTÍSTICAS PRESENTES NO CABANAS

Na comunidade Cabanas, a expressão artística sempre encontrou caminhos artísticos alternativos além do teatro, assim o movimento Trem Trinta e Um – TT1<sup>7</sup> Na comunidade

---

<sup>7</sup>Segue o link para mais informações sobre o TT1: [https://1.instagram.com/?u=https%3A%2F%2Flinkme.bio%2Fmovimentott1%3Ffbclid%3DPAZXh0bgNhZW0CMTEAAaad3HREq7Wt6uUOK0d\\_XVum2CAKfcbWIZ0R8eEFJiN4GC94jp-QirQtBhY\\_aem\\_5wKNp8NEGnwSURzrZsG8lw&e=AT2S-](https://1.instagram.com/?u=https%3A%2F%2Flinkme.bio%2Fmovimentott1%3Ffbclid%3DPAZXh0bgNhZW0CMTEAAaad3HREq7Wt6uUOK0d_XVum2CAKfcbWIZ0R8eEFJiN4GC94jp-QirQtBhY_aem_5wKNp8NEGnwSURzrZsG8lw&e=AT2S-)

Cabanas, a expressão artística sempre encontrou caminhos alternativos de criação, extrapolando os limites do teatro institucionalizado, surgiu como uma importante ferramenta de resistência cultural e afirmação identitária. O grupo de rap originado na comunidade, utiliza letras para narrar as vivências locais, denunciar desigualdades e reivindicar espaços de escuta e representação. Assim como nas práticas desenvolvidas com fotorperformance no contexto escolar, a produção musical desse grupo é marcada por uma abordagem que transforma a escassez de recursos em potência criativa, valorizando o improviso, a coletividade e a ressignificação de elementos do cotidiano. Essas práticas artísticas, tanto na escola quanto na comunidade, evidenciam como a arte pode emergir como força de contestação e transformação social,

O grupo TT1 surgiu no bairro Cabanas no ano de 2021, conhecido também como Trem Trinta E Um, com influências de artistas como Racionais MC's<sup>8</sup> e Djonga<sup>9</sup>, incorporando elementos da realidade de Cabanas e de Minas Gerais em suas composições.

Em novembro de 2022, o grupo foi destaque em uma reportagem da Agência Primaz<sup>10</sup>, que ressalta a importância do coletivo na promoção da cultura Hip Hop no bairro Cabanas, que pode ser referenciado em um trecho na entrevista pela fala da Samila SSS:

É um movimento que cada um que dá o que pode. A gente tem os DJ's, os beatmakers, o Arley que nos cede o espaço do mirante, é um grupo que deve ser valorizado dentro da cidade, porque é periférico, feito por meninos pretos e está tendo uma força que a gente nunca imaginou que teria.

Através de suas iniciativas, o TT1 contribui para o fortalecimento da identidade cultural e da expressão artística da juventude local. O grupo não tem o foco somente na música, mas sim em abordagens sociais e culturais. Em outubro de 2023, o TT1 participou do evento "Dia das Crianças no CDA", promovendo atividades de lazer e cultura para a comunidade local. Não se limitam somente ao bairro Cabanas, uma vez que fazem participações no VII Festival de Teatro Comunitário de Mariana (FESTEKO), ofereceu oficinas de grafite e literatura africana,

---

wr0ZsUBIYrSDEN2c0vGSfU16eaXtLY8cLFKFOrCu\_TqYx6PIGvTIWT\_lOtMnryqNiGFtYV\_1cQafdiznDe42rlGnWov1iyjpQqG86oYqfXXV0iZdkw.

<sup>8</sup> Racionais MC's é um dos grupos de rap mais influentes do Brasil, formado em 1988 por Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay. Suas músicas denunciam a desigualdade social, o racismo e a violência nas periferias, sendo uma voz poderosa para a população marginalizada.

<sup>9</sup> Djonga é um rapper, compositor e escritor mineiro, conhecido por suas letras contundentes que abordam racismo, desigualdade social e identidade negra. Com um estilo marcante e inovador, tornou-se um dos principais nomes do rap nacional, ganhando reconhecimento por sua autenticidade e impacto cultural.

<sup>10</sup> Disponível em Movimento TT1, as vozes que ecoam do Cabanas através do Rap - Agência Primaz.

desfiles afro, apresentações de percussão com o coletivo Rosa Negra<sup>11</sup>, performances teatrais e batalhas de rima. Também participou da organização da quarta edição da "Rinha do Estadual"<sup>12</sup>, evento realizado na Escola Estadual João Ramos Filho.

A participação do Movimento TT1 em eventos como o FESTEKO e a 'Rinha do Estadual', realizados na Escola Estadual Jerônimo de Queirós (EEJRF), evidenciou a potência da arte produzida pela juventude periférica como ferramenta de resistência e transformação social, especialmente em contextos marcados pela vulnerabilidade. Assim como o teatro precário, o hip-hop produzido pelo grupo no bairro Cabanas utiliza a realidade vivida pelos integrantes como base para a criação artística, ressignificando limitações estruturais e financeiras em expressões autênticas de identidade negra e denúncia social.

No ambiente escolar, essa conexão se torna ainda mais relevante, pois amplia as possibilidades de ensino e aprendizagem ao valorizar práticas culturais periféricas e estimular a criatividade de estudantes. Dessa forma, o teatro precário e a cultura hip-hop dialogam como manifestações que extrapolam a estética convencional, promovendo um espaço de pertencimento e empoderamento dentro e fora da escola.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo foram demonstrados os afetamentos das práticas artísticas no PIBID na EEJRF ainda que a partir da precariedade estética, perpassadas pela infraestrutura e falta de recursos, no território Cabanas e, assim, reafirmamos que podemos fazer arte com o se dispõe no momento, com as pessoas e a realidade artística do lugar.

A democratização da arte é essencial para que as vozes das periferias sejam ouvidas e para que a educação cumpra seu papel de formar pessoas críticas e atuantes. Assim, o teatro na escola não é apenas uma atividade extracurricular é um ato político, um grito de resistência e um caminho para a mudança social.

Augusto Boal mostra práticas de como se fazer um teatro inclusivo e transformador em seus diversos trabalhos, o que traz uma reverberação para discentes que, em sua maioria, nunca

---

<sup>11</sup> O Coletivo Rosa Negra é um grupo de mulheres de Mariana, Minas Gerais, dedicado à preservação e celebração das raízes africanas e indígenas

<sup>12</sup> A Rinha do Estadual é um evento cultural anual realizado na Escola Estadual João Ramos Filho, localizada no bairro Cabanas, em Mariana, Minas Gerais. O evento ocorre durante a Feira de Ciências da escola

atuaram e, talvez, não se acham capazes de fazer uma peça teatral justamente pela forma em que o teatro vem acontecendo, de forma elitizada. Boal trouxe essas práticas inovadoras com o seu Teatro do Oprimido.

O significado do grupo Caminho do Sol ter nascido em uma escola pública da comunidade do Cabanas em Mariana (MG) reflete diretamente na democratização da arte e na busca pela transformação social, através do teatro e da percepção histórica e cultural trazida pelo Teatro do Oprimido e das Oprimidas. O teatro na escola vem trazendo uma estética da precariedade e da simplicidade, reforçando a ideia de que não se precisa de grandes recursos ou sofisticação, uma vez que o foco não é a sofisticação, mas sim da participação inclusiva a partir da realidade das pessoas envolvidas.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) foi desenvolvido na mesma escola onde cursei meus próprios estudos de Ensino Médio, a Escola Municipal João Rodrigues de Freitas (EMJRF), localizada no bairro Cabanas. Essa experiência representou uma significativa transição na minha trajetória acadêmica e profissional, pois passei de aluna a professora dentro do mesmo ambiente escolar.

Todo esse processo me proporcionou uma nova perspectiva sobre a realidade educacional, permitindo enxergar de maneira mais ampla e crítica os desafios, as dinâmicas e as potencialidades da educação no Brasil. A vivência como docente em formação, não apenas me trouxe um entendimento mais profundo sobre o funcionamento do sistema educacional, mas também ampliou minha sensibilidade para as necessidades de estudantes e para o papel fundamental dos professores na construção do conhecimento e na transformação social.

As expressões artísticas no bairro Cabanas, em Mariana (MG), evidenciam a arte como um instrumento de resistência e pertencimento territorial. Seja por meio do teatro da precariedade, que transforma a escassez de recursos em potência criativa, ou do hip-hop do Movimento TT1, que denuncia desigualdades e reafirma identidades negras, essas manifestações revelam a força da cultura popular na luta por reconhecimento e espaço. Através das referências teóricas e práticas analisadas, percebe-se que a estética da precariedade não representa uma limitação, mas sim uma estratégia de criação e inovação, fortalecendo o engajamento da comunidade e reafirmando a importância da arte como um direito fundamental. Assim, a resistência cultural no Cabanas não apenas evidencia as dificuldades enfrentadas pela população, mas também reforça o território como um espaço de memória, expressão e transformação social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, Augusto. **Augusto Boal** - Um dos dramaturgos que mais contribuiu para a criação de um teatro genuinamente brasileiro e latino-americano. Disponível em: <http://augustoboal.com.br/>. Acesso em: [inserir data de acesso].

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Trad. Daniela Kern, Guilherme João de Freitas Teixeira. Porto Alegre: Zouk, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular: educação é a base**. [Brasília, DF: MEC, 2018]. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: [inserir data de acesso].

FOTOPERFORMANCE e o hibridismo de linguagens nos trabalhos de Marcela Tiboni. Disponível em: <https://fcs.mg.gov.br/fotoperformance-e-o-hibridismo-de-linguagens-nos-trabalhos-de-marcela-tiboni/>. Acesso em: [inserir data de acesso].

SOUZA, Maria de Fátima. **Por uma estética do precário: antimonumentos e a arte de 'desesquecer'**. Revista de Arte Contemporânea, v. 10, n. 2, p. 123-135, 2015.